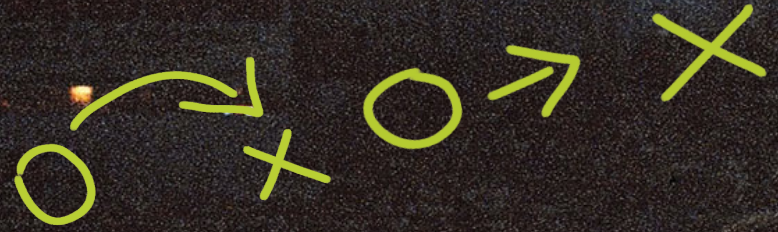


TÁTICA

EDIÇÃO #01 | AGO 2021



**A política está
em campo**

Uma linha do tempo que explica
essa relação histórica



Construir o futebol para além do campo

Pensar o futebol como instituição. Como elemento cultural de um povo. Como fato histórico que molda os sucessos e os fracassos de um país. Mais do que um esporte, o futebol é uma entidade. E em solo brasileiro, ele é responsável por guiar o debate de boa parte da população. Seja através da polêmica barata e amplificada pelas redes sociais, seja pela análise de sua organização e de seu espetáculo dentro de campo, o futebol é indissociável da nossa vivência e discuti-lo é refletir sobre como podemos evoluir enquanto sociedade.

Partindo de todos esses princípios, em agosto de 2021 surge a Tática. Projeto que foi inicialmente pensado há alguns anos, mas que agora está materializado em forma de revista. Focado em trazer o que acontece de importante dentro e fora do gramado, o trabalho é composto de pautas que aprofundam debates necessários para colaborar com a evolução do esporte mais popular do planeta, sem esquecer de prestar homenagem àqueles que dedicaram e dedicam a sua trajetória de vida à modalidade.

Com circulação mensal, digital e gratuita, a Tática é composta de reportagens, encartes, análises, fatos históricos, crônicas, além de curiosidades sobre elementos objetivos do futebol. Para a

estreia, trouxemos alguns temas substanciais para compreender a engrenagem da modalidade nos dias de hoje. Como exemplo disso, apresentamos uma discussão sobre os problemas e as soluções do calendário do futebol brasileiro - um dos assuntos que mais carecem de debate nos meios de comunicação esportivos.

Além disso, a edição nº 1 traz conteúdos sobre outras questões que envolvem a formação do futebol nacional. Os problemas econômicos e sociais que elitizam a modalidade, o jornalismo esportivo pautado na polêmica e no engajamento e a histórica relação entre o futebol e a política ao redor do mundo são fatos que fazemos questão de aprofundar neste trabalho.

Elaborado com muita dedicação e com o sonho de ajudar na potencialização de um esporte mais responsável, bem estruturado e acessível para todos, a Tática conta com a sua leitura e com a sua colaboração para as próximas edições. Tem alguma sugestão de pauta para a edição nº 2? É só mandar para revistatatica@gmail.com. Nosso propósito é estar presente nos debates sobre aquilo que mais amamos: o futebol.

Boa leitura!

Pedro Silva
Editor-chefe

Sumário



4 O futebol brasileiro está caminhando para a extinção?

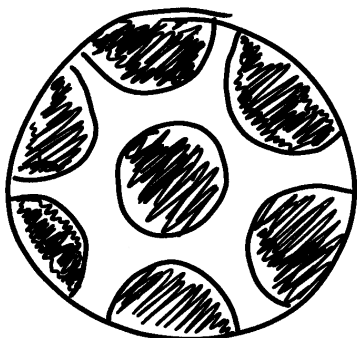
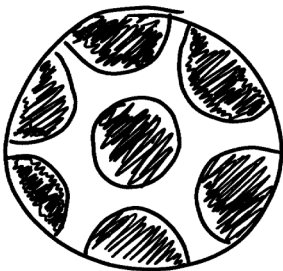
10 Sissi do Amor ao futebol

12 Esse especial é apenas sobre futebol

18 O bingo do tatiquês

26 Precisamos conversar sobre o calendário do futebol brasileiro

30 Um lamento sobre o jornalismo



Expediente

Textos: Pedro Silva

Edição geral de textos: Pedro Silva

Edição geral de arte: Caroline Rocha e Pedro Silva

Projeto gráfico: Caroline Rocha

Diagramação: Caroline Rocha

Artes e ilustrações: Pedro Silva e Caroline Rocha

Supervisão: Pedro Vasconcelos

O futebol brasileiro está caminhando para a extinção?

Vítima dos problemas econômicos que atingem o país, o futebol sofre com a elitização e com o medo da cultura torcedora ser mera lembrança para as próximas gerações

(Foto: Divulgação)

Nos últimos anos, o brasileiro se habituou a ouvir mais notícias negativas do que positivas sobre a economia do país. O modelo econômico adotado pelo atual governo, aliado à crise sanitária gerada pela pandemia de Covid-19, fez com que a sociedade tivesse que lidar com algumas situações até outro dia inimagináveis. O maior exemplo disso é o retorno do Brasil ao mapa da fome. De acordo com o Relatório Luz, elaborado pela ONG Ação da Cidadania, até julho de 2021, mais de 113 milhões de pessoas se encontravam em situação de vulnerabilidade alimentar.

Junto com a fome, o povo tem que lidar com o desemprego. No último relatório disponibilizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em julho, cerca de 14,8 milhões de pessoas estão sem ocupação no país. O valor representa 14,6% do total da população ativa para

trabalhar e é o segundo maior índice desde que a pesquisa começou a ser realizada, em 2012.

Explorando um pouco mais, pode-se perceber outras informações negativas a respeito de diversos indicadores sociais, tais como educação, saúde e segurança. Mas onde entra o futebol? Como um esporte que, no Brasil, é uma expressão cultural e mercadológica, ele também sofre algumas consequências dos problemas econômicos, o que potencializa um menor poder de compra, por exemplo, a produtos ligados à modalidade (ingressos, camisas, serviços de TV) e contribui para a chamada elitização.

Esse processo de elitização do futebol brasileiro é longo. Na verdade, ele existe desde a chegada do esporte no país. Contudo, a redução da modalidade como uma expressão popular avançou com força na última década, gerando situações de afastamento das massas,

exclusão e perseguição às torcidas organizadas, arenas modernas e vazias e até dificuldade de acompanhar o time de coração pela televisão.

“FUTEBOL NÃO É COISA PARA POBRE”

Com essas palavras, o ex-presidente do Atlético Mineiro e atual prefeito de Belo Horizonte, Alexandre Kalil, criticou um projeto que visava disponibilizar ingressos a preços populares em alguns setores dos estádios da capital mineira. Em entrevista ao site do El País Brasil em 2017, o ex-mandatário defendeu a alta precificação dos bilhetes e argumentou que o futebol não pode ser instituição de caridade nem forma de política pública.

Assim como Kalil, diversos mandatários do futebol brasileiro pensam da mesma forma. Resultado: a modalidade carrega o título de ter os ingressos mais caros do mundo. Em 2015, Oliver

Seitz, PhD em Indústria do Futebol pela Universidade de Liverpool, realizou um estudo, cujo resultado apontou que o brasileiro precisa trabalhar cerca de onze horas e oito minutos, em média, para conseguir comprar o ingresso mais barato de um jogo do Brasileirão.

Em comparação com outros países em que o futebol é o carro-chefe dos esportes, a diferença é gritante. Na Alemanha, por exemplo, um torcedor do Bayern de Munique precisa trabalhar

QUANTAS HORAS ALGUÉM PRECISA TRABALHAR PARA IR AO ESTÁDIO?

Ingresso brasileiro é o mais caro do mundo para quem ganha um salário mínimo

Comparação entre campeões da última temporada



Fonte: Oliver Seitz

(Infográfico: Giovana Tarakdjian/Época)

cerca de uma hora e 48 minutos para ter condição de comprar um ingresso e acompanhar o seu clube no estádio.

Evidentemente, é necessário se atentar para as especificidades econômicas de cada país, além dos salários adotados e dos regimes de trabalho. Mas até em comparação a países com

condições econômicas precárias, como a Argentina, o Brasil leva desvantagem. Ainda de acordo com o estudo de Seitz, um torcedor do Racing, por exemplo, precisaria de três horas e 30 minutos de trabalho para conseguir adquirir um ingresso.

O alto custo das entradas, muitas vezes, é justificado pelos dirigentes como uma forma de auxiliar na manutenção dos estádios, além de fazer parte do investimento na contratação de atletas e do pagamento de salários milionários. Mas será que a bilheteria tem esse papel fundamental no orçamento de uma equipe? Para Oliver Seitz, é uma situação que varia de acordo com o tamanho de cada agremiação.

“Depende do clube. Para clubes muito pequenos, que disputam ligas que não têm muito alcance, a bilheteria é a principal fonte de renda. Para clubes globais, com grandes estádios e alta demanda do público, a bilheteria representa em torno de 40% a 50% do faturamento. Para clubes médios, a bilheteria é menos importante, porque a demanda é mais baixa e não consegue fazer frente aos valores de transmissão. De qualquer maneira, independente se mais ou menos, a bilheteria é sempre importante”, afirma.

O economista e consultor de gestão de finanças do esporte, Cesar Grafiatti, complementa e justifica a necessidade dos clubes praticarem preços de ingressos mais caros. “Porque, mesmo com esses valores, os clubes têm apresentado situações financeiras bastante fragilizadas. Há muitos clubes que praticam ticket médio abaixo de R\$ 30,00 e os estádios mal atingem 40% de ocupação. Veja casos como o São Paulo, que tem ticket médio da ordem de R\$ 32,00 no [Campeonato] Brasileiro e a ocupação do Morumbi costuma ficar na casa dos 45%. O Atlético Mineiro tinha ticket médio de R\$ 15,00 antes da pandemia, mas o Palmeiras e o Corinthians trabalhavam na casa dos R\$ 55,00.

O Corinthians tem o agravante de que esse dinheiro paga as dívidas do estádio”, afirma.

A ARENIZAÇÃO COMO MAIS UM AGRAVANTE

Um dos fatores que potencializam o aumento do preço dos ingressos foram as novas arenas, que surgiram no futebol brasileiro na última década. Caracterizados como um marco da modernização do esporte no país, esses novos equipamentos também estão no centro de casos de corrupção e do afastamento de torcedores mais pobres do espetáculo.

Construídas, sobretudo, para a Copa do Mundo da Fifa de 2014, às arenas brasileiras seguem o padrão da entidade: cadeiras espalhadas por todos os setores, alto uso de tecnologia, camarotes, além do conforto e da segurança reforçada para acomodar os torcedores. Por um lado, essa arenização é importante, pois moderniza estruturas dentro e fora dos estádios, incentivando a construção de novas linhas de metrô e de novos espaços de lazer, por exemplo. Por outro, ela é responsável pela exclusão de segmentos essenciais das arquibancadas, como as torcidas organizadas.

O fato é que a arenização modificou a experiência de acompanhar o futebol dentro dos estádios. Irlan Simões, jornalista, pesquisador e autor do livro “Clientes versus Rebeldes”, explica como funciona o novo modus operandi de torcer nas arenas. “As pessoas devem se adaptar a esse novo conceito de consumo esportivo. Você dá aos gestores desses estádios, seja um clube, seja uma empresa privada, a legitimidade para que ela altere os valores dos preços dos ingressos e que ela imponha certas formas de comportamento dentro dos estádios. E por outro lado, você

tem um discurso que vai impactar exatamente em boa parte do público dos estádios. Algumas pessoas vão se resignar, vão aceitar. Outras vão ser partidárias de que essa nova cultura de torcer seja assimilada. E seja, enfim, considerada padrão”, comenta.

O jornalista completa: “De fato, modificaram muito o modo de torcer. Por um lado, você pode ver até algumas coisas positivas, como espaços mais confortáveis

afastamento e a adaptação das torcidas organizadas a pequenos espaços dos estádios, presenciam-se mais arquibancadas vazias e silenciosas. E isso fica evidenciado na principal casa do futebol brasileiro.

Fernando da Costa Ferreira é doutor em Geografia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e autor da tese “O estádio de futebol como arena para a produção de diferentes



O Maracanã foi um dos estádios brasileiros que mais sofreram com a arenização. Com uma capacidade que passava de 100.000 pessoas, o local sofreu duas grandes reformas nos últimos 15 anos, o que transformou o principal palco do esporte nacional em uma moderna arena com capacidade reduzida (Foto: Jose Guertzenstein/Pixabay)

para determinados segmentos da torcida. Torcida “família”, com as crianças, com a mulher gestante, né? Mas por outro lado, você atacou completamente os modos festivos de torcer, que não só compõem a própria história do futebol, como eu julgo como expressões fundamentais para a reprodução do interesse no futebol”, afirma.

Aliado ao novo perfil de público que frequentava os estádios antes da pandemia, outro fator que veio junto às novas arenas foi a mudança na atmosfera das partidas de futebol. Com o

territorialidades torcedoras: inclusões, exclusões, tensões e contradições presentes no novo Maracanã”. Ele explica como o estádio, que já foi palco de partidas com mais de 100 mil espectadores, e que por muito tempo teve a famosa “Geral do Maracanã”, teve as suas características modificadas e aceleradas pelas alterações estruturais.

“Havia todo um modo de torcer tradicional no Brasil. Não apenas ligado à pessoa mais pobre ou mais rica. Mas se tinha uma maneira de torcer, por exemplo,

de permanecer em pé durante as partidas. Não estou falando apenas da Geral, não. Mesmo em setores de arquibancada, das torcidas organizadas, as pessoas tinham hábito de assistir às partidas em pé. No estádio arenizado, a princípio, isso já mudou bastante. Agora é todo mundo sentado. Parece uma plateia de teatro. A ambiência produzida no estádio tende a ser muito mais fria. Você acaba tendo uma série de limitações em relação a comportamentos. 'Ah, não pode bandeira, não pode instrumento musical'. Você não pode permanecer de pé, você não pode gritar. Essa proibição das torcidas organizadas, essa limitação, esse sufocamento dos modos de torcer tradicionais criam atmosfera muito mais fria dentro desses ambientes ressignificados", afirma.

O TORCEDOR PODE SE CONTENTAR COM A TV PARA ACOMPANHAR O SEU CLUBE?

Mesmo antes da pandemia de Covid-19, muitos torcedores brasileiros tinham que se contentar apenas com a televisão para ter algum tipo de proximidade com o time de coração. Atualmente, o principal campeonato nacional do país tem transmissão por meio de TV aberta, TV por assinatura e pay-per-view, sendo a primeira opção a mais acessível, gratuita e com direito a exibir uma partida por rodada.

Já outros meios, destinados originalmente a públicos de classes mais altas, necessitam de um pagamento mensal para serem consumidos. Para o Campeonato Brasileiro, duas emissoras de TV fechada (SporTV e TNT Sports) transmitem alguns jogos da competição. O valor? Bem, qualquer pacote básico de canais por assinatura passa dos R\$ 100,00 mensais. Além disso, ainda tem o pay-per-view, que

"Mesmo em setores de arquibancada, das torcidas organizadas, as pessoas tinham hábito de assistir às partidas em pé. No estádio arenizado, a princípio, isso já mudou bastante. Agora é todo mundo sentado. Parece uma plateia de teatro."

possui exclusividade da maioria das partidas do torneio e custa um valor adicional que torna o consumo bastante salgado.

Dentro de uma lógica capitalista, esse sistema de transmissão pode ser considerado normal. A emissora que detém os direitos de exibição do campeonato utiliza-se da exclusividade para lucrar com o seu produto. O problema é até que ponto o uso desse tipo de exibição pode causar o afastamento do torcedor mais pobre em relação ao esporte. Ou seja, o quanto o canal responsável pela transmissão dos jogos força a barra para alavancar o número de assinaturas que custam um valor salgado.

Exemplo disso é o que acontece com os torcedores dos clubes mais populares do país. Desde 2018, Flamengo e Corinthians lidam com a redução da exibição dos seus jogos na TV aberta. Segundo o jornalista Rodrigo Mattos, do Portal Uol, em reportagem publicada no dia 23 de maio de 2018, o intuito da medida promovida pela Globo

seria "turbinar a presença dos dois clubes no pay-per-view e incrementar receitas; além de estabelecer um maior equilíbrio entre as equipes na exibição pública". Em 2021, Flamengo e Corinthians terão cerca de sete jogos válidos pelo primeiro turno do Campeonato Brasileiro exibidos em TV aberta.

Mas afinal de contas, a transmissão de jogos pela televisão torna o futebol mais acessível? Para Cesar Grafietti "o custo tem sido cada vez mais elevado, pois há poucos jogos transmitidos em TV aberta e a maioria está sendo vista apenas nos pacotes de pay-per-view".

Oliver Seitz analisa um ponto diferente. Ele afirma que "ao contrário de muitos países do mundo, o Brasil possui uma boa taxa de transmissão aberta e gratuita, além de ampla cobertura jornalística com vídeos das partidas".

LEI DO MANDANTE

Seguindo esse caminho sobre a exibição de partidas de futebol, no dia 14 de julho de 2021, a Câmara dos Deputados aprovou o Projeto de Lei (PL) 2336/2021, que ficou conhecido como a "Lei do Mandante". A medida, que necessita de aprovação no Senado e da sanção presidencial, modifica artigo presente na Lei 9615/1998, a famosa "Lei Pelé". De acordo com a antiga norma, uma partida só poderia ser exibida caso a emissora responsável pela transmissão tivesse contrato com as duas equipes envolvidas no confronto.

A partir de agora, se a PL for sancionada, a detentora dos direitos de transmissão só necessita ter contrato com o mandante da partida para exibir o confronto. A ideia é que os jogos considerados "fantasmas", ou seja, sem exibição, deixem de existir, além de flexibilizar as negociações de novos contratos



Aprovada na Câmara dos Deputados em julho, a Lei do Mandante já havia sido objeto de discussão em 2020. Através da Medida Provisória (MP) 984, bastaria o acordo entre a exibidora da partida e o mandante para que o jogo fosse transmitido. Na época, a MP não entrou em pauta e acabou caducando (Foto: Felipe Menezes)

de exibição. O projeto ainda conta com a chamada “Emenda Globo”, que determina o cumprimento do projeto após o término dos atuais contratos. Eles se encerram em 2024.

Irlan Simões aprofunda a discussão sobre esse novo projeto e analisa possíveis impactos para os torcedores e para os clubes. Ela afirma que a lei “está muito em aberto ainda. Vai cada clube vender [os direitos de transmissão] por si ou alguns clubes em bloco? A questão é que os modelos que a gente tem no mundo hoje, mesmo o melhor modelo de negociação possível, que é na Inglaterra, para quem consome, é muito pesado. Você é obrigado a ir para um bar ou para casa de um amigo. É muito difícil ver um jogo de futebol em TV aberta por lá. Você tem hoje o streaming, que não precisa ter um pacote imenso de assinatura. E a galera acredita que é por aí que vai conseguir ganhar dinheiro”, explica.

O jornalista complementa: “Se os clubes não tiverem uma liga para negociar esses direitos em conjunto, é provável que os valores que os grandes clubes vão aferir nos seus contratos sejam

maiores do que o que clubes médios e pequenos vão aferir. Essa ideia dos clubes médios se juntando, formando um bloco e vendendo seus jogos parece ser muito lógica, mas a vida real mostra que é diferente. Falta sede para comprar jogos desses clubes menores, mesmo em blocos. E sobra sede para comprar jogos dos grandes. Qualquer empresa, e podem ser dez concorrentes, vão lutar até o último prato de comida pelos jogos dos clubes grandes. Porque são os produtos seguros de que há retorno financeiro”, completa.

É POSSÍVEL AMENIZAR A ELITIZAÇÃO?

Ao que tudo indica, a elitização do futebol brasileiro é um caminho sem volta. E com a pandemia de Covid-19, essa realidade poderá ser mais sentida após o retorno do público aos estádios. Com praticamente um ano e meio de arenas vazias (exceção às finais da Conmebol Libertadores, Copa América e alguns jogos do Flamengo), os clubes sentem a falta de arrecadação com a bilheteria pesar no bolso, além de alguns

prejuízos no âmbito esportivo.

Traçando um panorama sobre o futuro das arenas no pós-pandemia, Oliver Seitz afirma que “por um lado, os clubes vão precisar reativar a demanda - muita gente vai evitar ir a jogos por um tempo - e para isso, em teoria, precisam baixar os preços. Por outro lado, com a queda no faturamento, talvez os clubes apostem na maximização do valor da demanda para compensar a receita perdida. Vai depender de cada estratégia”.

Já para Cesar Grafietti, não deve haver um aumento expressivo da precificação em um primeiro momento, mas alerta que isso é algo que depende da política de cada clube. “Os que têm melhor desempenho, como Flamengo, Palmeiras e Atlético Mineiro, tendem a ter ingressos mais elevados. Mas clubes mais fragilizados não terão capacidade de trabalhar com preços elevados. Pelo menos essa deve ser a realidade de 2021. Para 2022, precisaremos ver como será a recuperação econômica, uma vez que parte da composição do preço do ingresso vem da capacidade de pagamento dos torcedores. Não cabe preço elevado se a renda não acompanha, se o desemprego é elevado”, argumenta.

No que diz respeito à festa nos estádios, a arenização promoveu uma espécie de “controle social” para quem pode ou não frequentar as arenas. Anteriormente à pandemia, alguns mecanismos como torcida única em clássicos, proibição do uso de instrumentos e o próprio preço dos bilhetes já se encarregavam de tornar os jogos de futebol exclusivos para uma parcela da sociedade.

Irlan Simões ressalta esses mecanismos e acredita que a situação deve prosseguir para o futuro. “Acho que antes da pandemia, a gente já estava vendo a transformação. Preços muito altos, com certa perda de força

das culturas torcedoras, das festas e das torcidas, salvo algumas exceções de diretorias dos clubes, que tinham maior abertura com as torcidas e garantiam que essas festas acontecessem. Mas você tem transformações no sentido da própria proibição dos artefatos. Não tem mais pirotecnia nos estádios. Em muitos estádios você tem uma limitação muito grande de colocação de materiais, de bateria. São até

cheios com preços razoáveis. O que eu quero dizer com isso? Encontrar um ponto de equilíbrio entre o preço a ser praticado e o preço que as pessoas podem pagar para frequentar um estádio”, conclui.

Abordadas no início desta reportagem e rechaçadas pelo atual prefeito de Belo Horizonte, Alexandre Kalil, algumas políticas públicas poderiam ser

que a melhor solução para reduzir a elitização é promover uma melhoria na situação econômica do país. “Maneiras de conter a expansão da elitização, existem várias. Salários mais altos, menor desemprego, maior justiça social, menor desigualdade. Que com isso as pessoas pudessem realmente pagar para frequentar esses ambientes, esses estádios. Reverter a elitização. Você torna

Torcida do Flamengo fazendo espetáculo pirotécnico na final da Copa Sul-Americana de 2017. Festa com esses artefatos são cada vez mais raros no futebol (Foto: Silvia Izquierdo/AP)



desestimuladores da festa. De certa forma preocupa”.

O jornalista completa e faz uma reflexão sobre a manutenção do interesse de frequentar os estádios no país. “Então como manter uma cultura torcedora forte no Brasil? Acho que é basicamente pela experiência no estádio, né? Então se tem algo que poderia ser discutido no Brasil, é o quanto os clubes podem sacrificar uma suposta receita que terão, para garantir que seus estádios estejam

implementadas para estimular a presença de uma variedade maior de classes sociais nos estádios. Em alguns locais, como no Rio de Janeiro, existem medidas que auxiliam esse processo. As Leis nº 10.741/03 e 3364/2000, que dizem respeito à meia-entrada, fazem com que ingressos para jogos de futebol e outros eventos custem metade do preço original para jovens, adolescentes e idosos.

Para Fernando da Costa Ferreira, esse tipo de política pública é importante. Contudo, ele enfatiza

possível que os grupos excluídos desses estádios arenizados, dessas arenas, possam voltar. A melhor maneira, na minha opinião, seria pela justiça social”, explica.

Mais do que somente um esporte, o futebol faz parte da cultura do país. Apesar de todos os bilionários interesses mercadológicos que o circundam, é essencial lembrar que ele pertence a todos. Promover mecanismos para torná-lo acessível é preservar a sua história e mantê-lo vivo para as futuras gerações.



Sissi do Amor ao futebol

(Foto: Getty Images)

Se o Brasil começou na Bahia, o início do futebol feminino por aqui se deve a uma baiana predestinada a fazer história

A prática do futebol feminino ficou proibida por 38 anos. De 1941 a 1979, a modalidade não era aceita por "prejudicar" condições relacionadas ao corpo das mulheres.

Dentre tantas expressões, frases de efeito ou possíveis clichês que poderia utilizar para falar sobre Sissi, o melhor, com certeza, está em seu próprio sobrenome. Sisleide do Amor Lima é uma personagem que transborda esse sentimento em tudo o que faz. E no que diz respeito à história do futebol feminino, ela faz questão de materializar esse amor em forma de talento, trabalho e dedicação, mesmo que ao longo de seus 54 anos tenham buscado, por diversas vezes, impedi-la de exercer a vocação.

O INÍCIO DE TUDO

Quando começou a dar os primeiros passos no futebol, ainda com cabeças de boneca servindo como bola, a modalidade para

mulheres era proibida por lei no Brasil. Mesmo sem ter consciência das opressões que lhe cercavam, desafiou a todos, inclusive a própria família, para seguir com o sonho de escrever sua história com as chuteiras. O pai, um ex-atleta originário do futebol amador, logo percebeu que Sissi era o talento da casa. E assim, ela começou a trilhar o próprio caminho ainda na adolescência.

Com 14 anos, saiu de Esplanada, no interior da Bahia, e se mudou para Feira de Santana para se dedicar à carreira. Dali em diante, não olhou mais para trás. Na verdade, quem olhou para ela foi a Seleção Brasileira ao convocá-la pela primeira vez com 21 anos de idade. Sissi foi a caçula do Brasil na primeira competição internacional da história do futebol feminino. O Mundial

Experimental, realizado na China em 1988, foi importante para consolidar a necessidade de uma Copa do Mundo da categoria, mas também para mostrar aos amantes do futebol que ali surgia uma craque de bola.

DA BAHIA PARA A ETERNIDADE DO ESPORTE

Na competição, Sissi marcou um belo gol de falta contra a seleção da Noruega e naquele momento exibiu uma de suas maiores características enquanto atleta. As cobranças de falta eram o carro-chefe de uma jogadora com técnica até hoje pouco vista no esporte. Com elas, a gênio entrou para história alguns anos depois, especificamente em 1999, na Copa do Mundo de futebol feminino realizada nos Estados Unidos.

Imagine a ocasião: quartas-de-final, jogo empatado em 3 a 3, prorrogação e gol de ouro. A Seleção Brasileira duelava contra a Nigéria por uma vaga nas semifinais da competição. Aos 15 minutos do período extra, o Brasil tinha uma falta para cobrar. Nesse momento e nessas circunstâncias, quantos atletas teriam capacidade de resolver aquele confronto? Pois é, poucos. E é por isso que Sissi está no panteão das e dos maiores do esporte mais popular do planeta. Jogando o Mundial com uma fratura no rosto, não abriu mão de decidir. Colocou a bola na marca e depois no fundo do gol. E a história está aí para ser contada e celebrada.

É DO AMOR, MAS TAMBÉM DA LUTA

Infelizmente, muitas pessoas não sabem e não se tem tanto acesso aos grandes feitos da meia-atacante baiana. Mais de 20 anos após se imortalizar na história das Copas do Mundo, o reconhecimento para Sissi aqui no Brasil é quase nulo. Os motivos são diversos e o preconceito é o principal deles. Sissi não marcava

golaços apenas dentro de campo. Por vezes, era vista como rebelde por simplesmente reivindicar melhorias para a modalidade que até hoje é negligenciada. E a todo instante, tentavam diminuí-la e julgá-la até por coisas banais, como o corte de cabelo.

Mesmo com tudo isso, Sissi não deixou de amar o esporte. Mesmo com uma carreira de sucesso na Seleção Brasileira, no São Paulo Futebol Clube e nos Estados Unidos, até hoje ela se dedica ao crescimento da modalidade como

Por vezes, era vista como rebelde por simplesmente reivindicar melhorias para a modalidade que até hoje é negligenciada.



Sissi com a camisa do Saad Esporte Clube em 1996. A equipe foi um dos sete clubes brasileiros que ela defendeu na carreira (Foto: Acervo Museu do Futebol)

treinadora de categoria de base em solo americano. Ao conhecer um pouco da sua história, percebe-se que a vontade de honrar o sobrenome nunca cessa. Sissi do Amor. Apaixonada pelo futebol.

Esse especial é apenas sobre futebol

Aqui só o esporte tem espaço. Nada de política!

Caros leitores, esse texto só irá tratar de futebol. Eu sei. Você está cansado daqueles jornalistas que tentam a todo instante misturar o esporte mais popular do planeta com a política, com as suas ideologias e afins. Chato, né? “Foca no futebol e esquece a política”, provavelmente é algo que já foi pensado, falado ou visto na rede social em algum momento. Por isso, aqui abordaremos apenas o futebol e seus personagens mais importantes.

Por exemplo, as torcidas. Como elas fazem falta nos estádios. Os cânticos, os mosaicos, as bandeiras. A verdadeira alma do esporte. É triste acompanhar as partidas com as arquibancadas vazias. Sem a atmosfera pulsante dos torcedores. Hoje em dia, com a disponibilidade de vacinas e os programas de vacinação avançando em boa parte do mundo, poderíamos ver mais de perto os nossos craques. Mas, infelizmente, todo esse processo está sendo sabotado e prejudicado no Brasil. E sabe-se lá quando adentrar a cancha estará permitido.

E os atletas? Na história, o Brasil sempre foi um celeiro de craques de todos os gostos e estilos. Um que é unanimidade entre os amantes deste esporte é Romário. Baixinho, artilheiro nato. Fez mais de mil gols em sua carreira. Um dos responsáveis pelo tetracampeonato mundial da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1994. Um

jogador excepcional e tão popular que aproveitou a sua fama para tornar-se Senador da República.

Mas não foi apenas Romário que aproveitou essa justa, diga-se de passagem, popularidade. O arrebatador Flamengo da temporada de 2019 não consagrou apenas os jogadores, mas também os seus dirigentes. Marcos Braz, vice-presidente de futebol do clube carioca, atualmente é vereador pela cidade do Rio de Janeiro, sendo o sexto candidato mais bem votado nas eleições municipais de 2020. O oposto também sempre aconteceu. Quantos presidentes, governadores e deputados não se aproveitaram do sucesso de um clube para se promoverem?

Falando ainda sobre clubes e seus dirigentes, ou seja, sobre futebol, nos últimos anos aconteceu uma inversão do papel desempenhado por times das regiões Sul, Sudeste e Nordeste nas competições nacionais. Enquanto Cruzeiro, Botafogo e Vasco da Gama

amargam a segunda divisão do Campeonato Brasileiro e possuem dívidas quase bilionárias, equipes como Fortaleza, Ceará e Bahia se consolidam no principal escalão nacional, com contas controladas, aumento de investimentos e modernização de suas estruturas.

O Bahia, inclusive, é um dos pioneiros nesse novo cenário. O sucesso atual é fruto de uma mudança que começou em 2013, com a alteração do seu estatuto. De uma assembleia fechada que praticamente elegia sempre o mesmo grupo para comandar a instituição, passou a ter eleição aberta para todos os sócios.

O então presidente eleito, Jair Messias Bolsonaro (Sem partido), erguendo a taça do decacampeonato brasileiro do Palmeiras em 2018 (Foto: Sebastião Moreira/EFE)



Soma-se a isso a transparência no aspecto financeiro, a aproximação e elaboração de campanhas de marketing voltadas aos torcedores de grupos minoritários como negros e LGBTQIA+ e, claro, títulos de expressão como as duas Copas do Nordeste conquistadas em 2017 e 2021.

Nessa altura do texto, você deve estar convencido de que não estou falando só de futebol. Mas, acredite, isso é só futebol! Os elementos políticos citados fazem parte e são indissociáveis ao esporte. Sem a política, o futebol e tudo que envolve a sociedade não acontecem. Inclusive o fato de algumas pessoas acharem que não se deveria misturar as duas coisas. Isso nada mais é do que um pensamento político.

E se mesmo com alguns exemplos você ainda acredita que não pode envolver a política com o esporte, a seguir montamos uma linha do tempo mostrando algumas relações entre essas duas esferas sociais no Brasil e no mundo.

1916

O primeiro momento de crescimento do futebol feminino no mundo

Durante a Primeira Guerra Mundial, que contou com a participação de países como França e Inglaterra, o futebol feminino ganhou espaço nesses locais. Com os homens servindo seus exércitos na frente de batalha, as mulheres ficaram encarregadas de cuidar das funções laborais dos maridos nas fábricas. E no tempo livre se dedicavam à prática do esporte.

Nesse período, mais de 200 equipes surgiram na Europa.

Além disso, no livro *In a League of Their Own!*, da escritora britânica Gail J. Newsham, há relatos da criação de campeonatos regionais e registros de

partidas com grande presença de público. A obra conta a história do Dick Kerr's Ladies, um dos maiores times do futebol feminino durante a primeira metade do século XX. Em uma das passagens, a autora descreve o confronto da equipe contra o St. Helen's Ladies, que recebeu cerca de 53 mil espectadores no estádio Goodison Park, na cidade de Liverpool.

Entretanto, o avanço do futebol feminino parou após o fim da Guerra. Com os prejuízos humanos e materiais causados pelo confronto e o retorno dos soldados sobreviventes aos seus locais de origem, foi iniciada uma política de repovoamento. As mulheres deixaram as fábricas e tiveram que retornar aos cuidados caseiros e maternos.

1969

O Santos de Pelé parou uma guerra?

Há quem diga que isso não passa de uma lenda. Mas muitos historiadores e o próprio Santos Futebol Clube afirmam que a equipe paulista foi capaz de paralisar uma guerra civil na Nigéria, mesmo que por algumas horas, em janeiro de 1969.

O Santos, que durante a década de 1960, conquistou duas Libertadores e dois Mundiais, era visto como a maior equipe da época e costumava realizar excursões em diversas partes do planeta. O objetivo era alavancar as finanças explorando a imagem do esquadrão formado por Dorval, Mengálvio, Coutinho, Pelé e Pepe. Em uma dessas viagens, desembarcou na cidade de Benin, na região sudeste da Nigéria, um



Dick Kerr's Ladies se preparando para enfrentar o St. Helen's Ladies no feriado de Boxing Day em 1916. A partida deteve o recorde de maior público da história do futebol feminino inglês por 92 anos (Foto: Getty Images)

dos locais que mais sofreu com a Guerra de Biafra.

O conflito, que iniciou em 1967, recebeu esse nome porque tinha como preceito a separação da região de Biafra para a formação de uma nova república. Para a partida acontecer, o confronto foi paralisado por uma tarde, por ordem do então tenente coronel Samuel Ogbemudia. O jogo contra a Seleção do Meio Oeste acabou em 2 a 1 para a equipe santista, que até hoje relata com orgulho ter sido o time de futebol que conseguiu parar uma guerra.

1970

"Pra frente, Brasil, salve a Seleção"

A música, que embalou a campanha da Seleção Brasileira no tricampeonato mundial conquistado na Copa do Mundo de 1970, foi um dos muitos artifícios utilizados pela Ditadura Militar como instrumento de propaganda de uma unidade nacional, de forma a atrelar o sucesso do time canarinho ao governo do general Emílio Garrastazu Médici.



Jogadores do Santos Futebol Clube posando para fotos antes da partida contra a Seleção do Meio-Oeste em 1969 (Foto: Reprodução/Santos FC)

Aliás, a relação entre a Seleção Brasileira e os generais foi bastante íntima durante o período do Regime, com muitas interferências dos militares no comando da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), atual CBF, assim como nas questões que envolviam a parte do campo, como na convocação de jogadores e mudanças no comando técnico.

A mais famosa dessas mudanças aconteceu a poucos meses do início do Mundial em solo mexicano. Na época, o treinador da Seleção era João Saldanha, um dos maiores técnicos da história do futebol brasileiro, mas que era visto como subversivo pelos militares, pois, além de crítico ao governo, fizera parte do Partido Comunista Brasileiro (PCB).

O episódio “oficial” da demissão do treinador é explicado pela recusa de Saldanha em convocar o atacante Dario, popularmente conhecido como Dadá Maravilha, para a Copa do Mundo. Médici gostava muito do atleta e queria vê-lo com a camisa da Seleção no Mundial. Depois da desavença entre os dois, João Saldanha foi afastado e Zagallo, campeão como jogador em 1958 e 1962, foi chamado para assumir a futura equipe tricampeã, atendendo ao desejo do general de integrar Dadá

aos selecionáveis. Além do controle interno da Seleção, a Ditadura Militar também se utilizou da participação brasileira na Copa para fomentar estratégias de propaganda a fim de esconder a repressão violenta. Com o Ato Institucional nº 5 (AI-5) em vigor,

diversos opositores do governo foram perseguidos, exilados, torturados e mortos durante esse período. Usando a paixão do brasileiro pelo futebol, os militares buscaram criar um vínculo entre os seus ideais políticos e a unidade nacional em torno da equipe canarinho.

Além do jingle “Pra frente, Brasil”, diversas propagandas com caráter ufanista foram veiculadas durante esse período. “Brasil, ame-o ou deixe-o”, por exemplo, foi um slogan amplamente divulgado que reforçava esse sentimento patriótico evocado pelos militares. Dentro de campo, o Brasil venceu a Copa do Mundo de maneira espetacular, com direito a goleada por 4 a 1 sobre a Itália na final. Mas, de maneira informal, a Seleção acabou

se tornando uma embaixadora da ditadura mundo afora.

1978

O punho levantado contra a ditadura

Em mais um episódio que mostra a interferência da Ditadura Militar no futebol brasileiro, o atacante Reinaldo, um dos maiores ídolos do Atlético Mineiro, foi revolucionário ao peitar o Regime dentro e fora de campo, mesmo sabendo que sofreria com ameaças, perseguição e difamação pelo resto da carreira.

A Copa do Mundo de 1978, disputada na Argentina, foi o palco perfeito para que Reinaldo pudesse mostrar ao mundo sua oposição ao governo. Em um período onde as ditaduras estavam presentes em vários países da América Latina, inclusive no próprio país-sede do Mundial, acometido por um golpe em 1976, o atacante se utilizou de um gesto simples para bater de frente com os militares e “gritar” pela democracia e pela liberdade.

O ápice deste embate entre Reinaldo e a Ditadura Militar aconteceu na partida contra a Suécia, válida pela primeira fase da competição. Tomando um gol no começo do jogo, o Brasil virou a peleja com dois gols do atacante, que se inspirou no gesto de dois atletas negros americanos nas Olimpíadas de 1968 para



Carlos Alberto Torres, capitão do tricampeonato da Seleção Brasileira na Copa do Mundo 1970, leva a taça Jules Rimet ao Ditador Emílio Garrastazu Médici (Foto: Getty Images)

confrontar os generais. Erguendo o punho direito, Reinaldo comemorou o gol da virada brasileira. A afronta, no ideal militar, foi o início de um processo de linchamento profissional e pessoal do centroavante.

Depois daquela partida, os militares que compunham o governo do general Ernesto Geisel interferiram mais uma vez na Seleção Brasileira. Comandada por Telê Santana, um dos maiores treinadores da história do futebol nacional, mas também conhecido pelo caráter disciplinador, a equipe canarinho teve que ceder às pressões políticas e barrar Reinaldo das outras partidas do Mundial, mesmo com a tamanha importância do centroavante.

Além de ter seu ciclo na Seleção interrompido, ficando fora, por exemplo, da Copa do Mundo de 1982, o atacante mineiro também teve de conviver com ameaças e inúmeros boatos em torno de sua vida pessoal. Durante o Mundial na Argentina, ele mesmo relata que chegou a receber um envelope com imagens do acidente automobilístico que vitimou o ex-Presidente da República, Juscelino Kubitschek. Problemas com alcoolismo e com drogas, por exemplo, também foram assuntos ligados a Reinaldo de forma mentirosa durante muitos anos. Até hoje, o ídolo atleticano possui traumas desse período.

1982

Sócrates pela democracia

Imagine se hoje em dia houvesse um ídolo que, além de ser craque com a bola nos pés, também se posicionasse em prol da liberdade e da garantia dos direitos sociais e individuais? Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de



Reinaldo Lima comemorando mais um gol pelo Atlético. Ele é o maior artilheiro da história do clube (Foto: Reprodução/Atlético-MG)

Oliveira, ou simplesmente Sócrates, foi a materialização desse tipo de personagem que revolucionou o futebol e a sociedade brasileira durante a década de 1980.

Nascido em Belém, mas radicado em Ribeirão Preto, no interior de São Paulo, Sócrates se destacou no início da carreira por uma das equipes locais, o Botafogo, e rapidamente ficou no radar dos grandes clubes e da Seleção. Estreou pelo Corinthians em 1980 e logo alcançou o status de ídolo não só por ajudar o alvinegro em suas conquistas, mas também por ser uma voz importante em um momento de mudança.

Junto com outros atletas, como Walter Casagrande e Wladimir, liderou um movimento chamado de Democracia Corintiana, responsável por revolucionar a forma de gerir um clube de futebol. Todas as decisões da equipe passavam por aqueles que faziam parte da instituição. A Democracia Corintiana, que se estendeu até 1985, foi tão gigantesca que se expandiu e levou a voz pela liberdade ao turbulento processo político do Brasil, que naquela época caminhava pelas ruas pedindo o fim da Ditadura Militar.

Durante as “Diretas Já!”, movimento criado em 1984 que exigia a aprovação da emenda Dante de Oliveira para o retorno das eleições diretas para Presidente da República a partir do ano seguinte, Sócrates foi uma figura presente nas manifestações. Em seus discursos, sempre pregava pela liberdade de expressão e pelo desenvolvimento



A camisa com o imperativo “dia 15 vote” foi utilizada na final do Campeonato Paulista de 1982. Os dizerem eram em alusão às eleições diretas para governador que aconteceriam naquele ano (Foto: Domicio Pinheiro/Estadão)

social. Mesmo com a reivindicação não sendo aprovada naquele período, sua participação foi marcante por aproximar uma classe de trabalhadores que muitas vezes parece não se importar com os problemas do país.

Dentro de campo, Sócrates não conquistou muitos títulos. Foi tricampeão paulista pelo Corinthians e disputou a Copa do Mundo de 1982 pela Seleção Brasileira. Além disso, o atleta, que teve uma carreira relativamente curta, também jogou pela Fiorentina, da Itália, e teve uma discreta passagem pelo Flamengo. Apesar de não ser um grande vitorioso nos gramados, Sócrates sempre foi símbolo de uma frase que ficou famosa durante a sua jornada pelo Timão: “Ganhar ou perder, mas sempre com democracia”.

2014

Shakhtar Donetsk no meio do bombardeio

Aqui, uma relação um pouco diferente, onde um clube de futebol é vítima do conflito entre

dois países que faziam parte da antiga União Soviética. A guerra entre russos e ucranianos por uma porção do território leste da Ucrânia mudou a rotina da cidade de Donetsk, localizada a cerca de 750 quilômetros da capital, Kiev.

O Shakhtar, clube da cidade e um dos maiores campeões ucranianos, principalmente neste século, se viu obrigado a ir embora de Donetsk a fim de se proteger dos estragos causados pelos inimigos. Desde 2014, abandonou o seu moderno estádio, a Donbass Arena, e passou a mandar seus jogos em Lviv, cidade próxima à fronteira com a Polônia. Além disso, dividiu toda a sua estrutura, como categorias de base e parte administrativa, entre a capital e o local em que realiza suas partidas.

Caracterizado por ser uma equipe com presença massiva de jogadores brasileiros nos últimos anos, como os meias Jadson, Fernandinho, Willian e os atacantes Taison, Marlos e Dentinho, até hoje, o time ucraniano não tem previsão de retornar à sua cidade natal. Mesmo com toda a distância dos torcedores, o Shakhtar mantém boas campanhas em nível nacional e continental, com 12 títulos locais conquistados desde 2014 e presença constante na Liga dos Campeões e na Liga Europa.

2017

Més que un club

A história da relação entre o FC Barcelona e a independência da Catalunha é longa, mas alguns episódios merecem destaque. Região separatista desde o século XVIII, a Catalunha é um dos pólos econômicos, turísticos e futebolísticos mais importantes da Espanha e, desde então, se utiliza desses meios para passar uma mensagem ao mundo de que não quer mais ser uma ponta da coroa da família real espanhola.

No futebol, por exemplo, a



Camisa do Barcelona em alusão às cores da bandeira da Catalunha (Foto: Getty Images)

Catalunha possui uma seleção formada por jogadores nascidos na região. Inclusive, a equipe chegou até a enfrentar o Brasil em um amistoso realizado em 2004. Já o Barcelona, maior clube catalão, possui uma trajetória intimamente ligada aos conflitos entre o local e a capital espanhola, Madrid.

Em 1º de outubro de 2017, um referendo foi realizado pelo governo espanhol a fim de saber se a população era a favor da independência da Catalunha. No mesmo dia, a La Liga, que dá nome e é responsável pela organização do Campeonato Espanhol, marcou um jogo do Barcelona para o estádio Camp Nou, que costuma receber quase 100.000 pessoas por partida.

A equipe catalã pediu aos organizadores da competição para que a partida fosse antecipada para o sábado, a fim de que os torcedores pudessem acompanhar o confronto contra o Las Palmas e participar do referendo no outro dia. Com a negativa de La Liga, o Barcelona enxergou uma intenção em prejudicar uma votação tão importante para a sua comunidade. Dessa forma, foi decidido pelo clube que se jogaria a partida no dia 1º, mas que ela seria sem a presença de público. O resultado do jogo foi 3 a 0 para a equipe blaugrana e, para a tristeza dos defensores da unidade nacional, o referendo terminou com mais de 90% de aprovação pela separação da região catalã.

Como um clube de prospecção mundial e que, em tempos normais, vê seu estádio lotado de torcedores e turistas, o Barcelona aproveita para mostrar a todos a importância de sua comunidade.

Em alguns jogos da temporada, por exemplo, a equipe costuma utilizar um uniforme com as cores da bandeira catalã.

Outro movimento interessante pode ser percebido no minuto 17:14 dos jogos do clube. Nesse momento, os torcedores locais costumam cantar pela independência da Catalunha. A minutagem escolhida é uma homenagem ao Cerco de Barcelona, conflito armado ocorrido em 1714 no qual a região teve sua tentativa de separação impedida pela monarquia espanhola.

2020

Torcidas antifascistas pela democracia

As torcidas organizadas são uma das grandes responsáveis pela festa dentro dos estádios de futebol. São elas que carregam as bandeiras, que criam os cantos, que fazem os mosaicos, enfim, que possuem imenso protagonismo dentro do esporte mais popular do planeta. Mas, além dos espetáculos promovidos nas arenas, esses coletivos também possuem atuação fundamental em outros meios da sociedade. E a política, claro, não fica fora disso.

Em 2020, torcidas dos principais clubes do país ganharam destaque por se manifestarem e colaborarem nos protestos contra o fascismo. Entre os meses de maio e junho do ano passado, mais de 15 cidades tiveram movimentos que reivindicaram a manutenção da democracia. Em diversas delas, com a presença de torcidas

organizadas denominadas antifascistas.

Esses grupos têm como objetivo não só apoiar o clube do coração, mas também manifestar, dentro e fora do estádio, sobre pautas importantes para a sociedade. Por serem coletivos que lutam contra a sua criminalização, é comum encontrar esses torcedores discutindo pautas sobre a violência e a repressão policial, por exemplo.

2021

A política da morte do Governo Federal chega à Seleção brasileira



Torcedores de uma organizada do Corinthians em protestos antifascistas realizados em junho de 2020 (Foto: Mídia Ninja)

Cada dia mais intensa, a polarização política que atinge o Brasil há quase uma década ganhou mais um capítulo nos últimos meses ao envolver questões governamentais, sanitárias, sociais e futebolísticas. Tudo isso graças a uma competição de seleções que não aconteceria no país e que tentou resistir, como um vírus, a qualquer tentativa de combate em prol do bem-estar coletivo.

Idealizada pela Conmebol para se adequar ao calendário de seleções que acontece na Europa, com competições de quatro em quatro anos e dois anos após cada Copa do Mundo, a 47ª edição da Copa América aconteceria

em 2020. Contudo, teve que ser adiada para 2021, por conta da pandemia da Covid-19. O torneio que seria realizado na Argentina e na Colômbia, estava programado para começar no dia 13 de junho, mas tudo virou de cabeça para baixo a poucas semanas do início do certame.

Primeiramente, a pandemia da Covid-19 não arrefeceu na América do Sul. Mesmo com o início da vacinação e as medidas de distanciamento social e uso de máscaras vigentes, o número de casos e mortes ainda segue em alta pelo continente. Toda essa calamidade motivou o presidente da Argentina Alberto Fernández a vetar a competição no país cerca de quinze dias antes do início.

Se não bastasse a pandemia, a Colômbia também enfrentou um caos social e político a poucas semanas do começo da Copa América. Com uma proposta de reforma tributária promovida pelo presidente da República Iván Duque, milhares de colombianos foram às ruas protestar contra as novas regras. As manifestações resultaram em repressão policial violenta nas principais cidades do país, o que inviabilizou a segurança para a realização do torneio.

Com tudo isso, a Conmebol se encontrou em um impasse. Pensando exclusivamente no lucro dos contratos milionários assinados com os patrocinadores, a entidade começou a buscar outras alternativas para que o certame pudesse acontecer. E é nesse momento que o governo brasileiro e o presidente da República Jair Bolsonaro entram na história.

Tendo uma das piores respostas à pandemia no mundo, com mais de 20 milhões de casos e cerca de 575 mil mortes até o momento em que este especial está sendo escrito, o governo achou uma boa ideia receber a Copa América em território nacional. Buscando

gerar novos fatos para acobertar os escândalos relacionados ao negacionismo no combate à pandemia, os apoiadores do governo passaram a elaborar uma campanha pela promoção do torneio e pela crítica a qualquer um que se opusesse à sua realização.

Ao mesmo tempo em que o governo passava por cima dos protocolos e daqueles que foram acometidos pela doença, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) sofria com mais uma crise envolvendo um presidente da instituição. Acusado de assédio sexual e moral por uma ex-funcionária da entidade, Rogério Caboclo, que também intermediou a realização da Copa América no país, foi afastado do cargo por tempo indeterminado.

Essa junção de fatos gerou uma verdadeira bola de neve que praticamente respingou em todos os setores da sociedade. Até os jogadores e a comissão técnica da Seleção Brasileira, por exemplo, ficaram incomodados com a forma em que todas as situações foram conduzidas. Durante as partidas contra Equador e Paraguai, realizadas no início de junho, pelas Eliminatórias para Copa do Mundo de 2022, cogitou-se um boicote à Copa América, o que não ocorreu.

Entretanto, apenas a ideia de não participar do torneio gerou uma pressão gigantesca no comando técnico da Seleção. Tite passou a ser perseguido e criticado por apoiadores do governo nas redes sociais. O treinador foi associado com o comunismo e com políticos de esquerda, a fim de justificar a sua contrariedade à realização da competição continental. Além disso, o coro pela demissão de Tite, apesar de seus bons resultados, foi engajado durante alguns dias, junto com pedidos pela contratação de Renato Portaluppi, ex-técnico do Grêmio e abertamente defensor dos ideais bolsonaristas.



Tite em mais uma de suas coletivas caracterizadas por expressões elaboradas e difíceis sobre o campo de jogo (Foto: Gustavo Serebrenick/Brazil Photo)

No dia 23 de março de 2019, a Seleção Brasileira, comandada pelo técnico Tite, empatou em 1 a 1 com o Panamá. A partida era um amistoso preparatório para a disputa da Copa América, sediada no Brasil em junho do mesmo ano. O resultado por si só foi bastante estranho, visto a diferença técnica entre as duas equipes. Mas acredite, esse não foi o fato mais inusitado que aconteceu naquele dia.

Na entrevista coletiva realizada após a partida, o treinador brasileiro começou a utilizar termos específicos do universo tático para explicar situações de jogo, falar sobre seus atletas e justificar o resultado. Mais do que a desaprovação do placar contra uma seleção que não vencia há um ano naquele período, chamou atenção a utilização da expressão “externos desequilibrantes”, a fim de analisar a atuação dos

O bingo do tatiquês

As formas de ver e compreender o jogo mudaram ao longo dos anos, mas qual o papel dos elementos táticos nessa conversa?

atacantes da Seleção. O termo, que pode ser entendido como atacantes que jogam pelo lado (externos) e que se utilizam dos dribles e da velocidade para incomodar defensores adversários (desequilibrantes), foi muito criticado por torcedores e jornalistas, que condenaram o rebuscamento da expressão, quando simplesmente o treinador poderia utilizar a palavra ponta, mais usual no esporte, para se referir aos atletas.

Essa não foi a primeira vez que Tite utilizou termos do “tatiquês” para falar sobre suas ideias. Muito menos, foi o primeiro treinador da Seleção a querer se expressar dessa forma para explicar situações de jogo. Em 1990, Sebastião Lazaroni também foi bastante criticado por reproduzir expressões puramente táticas em coletivas de imprensa. Na época, termos como “treinamento invisível” e “formatação” eram utilizados pelo técnico. Para quem acompanhava a seleção, esses conceitos eram vistos como uma forma de disfarçar as atuações questionáveis da equipe, que foi eliminada nas oitavas de final da Copa do Mundo daquele ano.

A aversão aos termos táticos em terras tupiniquins ainda é

bastante presente. E isso pode ser explicado pela forma como essas novas “ideias de jogo” estão sendo inseridas por aqui. Há alguns anos, o país está passando por uma mudança de perfil dos treinadores de futebol. Aos poucos, técnicos de sucesso que possuem um perfil mais “boleiro” estão deixando as áreas técnicas, enquanto novos treinadores denominados como estudiosos estão ganhando espaço e expondo seus conhecimentos em treinamentos, jogos e entrevistas.

Portanto, é natural que com o passar do tempo os amantes do futebol comecem a se familiarizar com as novas expressões do esporte. Isso tudo faz parte da evolução e do aprofundamento dos conhecimentos técnicos, táticos, físicos e mentais. O futebol hoje não é mais visto apenas como um jogo ou uma opção de entretenimento. Ele também é ciência e objeto de estudo; por isso é necessário que existam pessoas para aplicar e explicar os seus conceitos.

Dessa forma, a Revista Tática preparou o Bingo do tatiquês. Em uma cartela estarão presentes alguns dos novos termos utilizados no futebol moderno. De maneira lúdica e didática, vamos explicar o significado de cada um deles, com exemplos do campo e de personagens que são especialistas nessas novas funções. Se quiser, marque na cartela a seguir quantas dessas expressões você conhece ou ouviu falar.

BINGO

Box-to-box	Pressing	Pivote	Balanço	Jogo apoiado
Jogo reativo	Winger	Jogo posicional	Triangulação	Ideia de jogo
Funil	Linha alta	Revista Tática	Amplitude	Entrelinhas
Flutuação	Profundidade	Bola coberta	Cultura de jogo	Terço final
Regista	Modelo de jogo	Compactação	Infiltração	Temporização

Box-to-box

Na tradução livre, seria “caixa a caixa”, mas trazendo para o universo do futebol, o termo pode ser entendido como “área a área”. Na verdade, a expressão remete ao atleta que possui como característica principal estar presente em todo o meio-campo. Ou seja, o box-to-box é o jogador que possui bons atributos defensivos, como o desarme e a recomposição, e ao mesmo tempo tem qualidade para chegar ao ataque e produzir oportunidades de gols. No Brasil, esse perfil começou a aparecer com bastante força no início da década passada. Uma das grandes referências na função é o volante Paulinho,

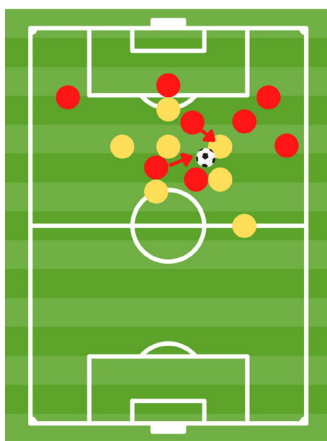
com passagens marcantes pelo Corinthians e pela Seleção Brasileira.



Paulinho em ação pelo Corinthians. Suas características foram fundamentais para o sucesso do Timão na primeira metade da década passada (Foto: Fernando Donasci/UOL)

Pressing

O *pressing* é o termo em inglês para o que chamamos no futebol de “perde e pressiona”. Dentro de campo, isso significa que, ao perder a bola para o adversário, a equipe que estava com a posse passa a utilizar recursos defensivos, como a marcação agressiva realizada pelos atacantes e o avanço de zagueiros e laterais, para recuperar a bola e retomar o controle do jogo.



Demonstração tática do *pressing* (Arte: Pedro Silva)

Pivote

O pivote nada mais é do que o meio-campista que possui funções essencialmente defensivas. Em uma escalação, seria o primeiro volante, mas que dentro do campo atua como uma espécie de líbero ou terceiro zagueiro. O pivote tem como característica fornecer proteção aos defensores em situações de posse de bola, além de organizar a saída de jogo, sendo responsável, em alguns momentos, pelo primeiro passe na construção de um ataque. No futebol brasileiro, um bom exemplo de pivote é o volante Willian Arão, do Flamengo.

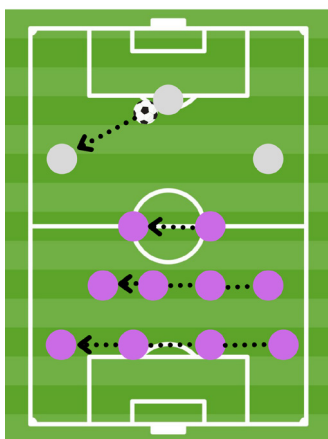
Um dos principais jogadores do Flamengo nos últimos cinco anos, Willian Arão se tornou peça fundamental de uma equipe que domina o futebol brasileiro atualmente (Foto: Eduardo Carmim/ Agência O Dia)



Balanço

O balanço é uma situação de jogo essencialmente defensiva, mas que também possui algumas características ofensivas importantes. No campo, significa uma forma de posicionamento da defesa, principalmente dos laterais, quando o adversário está com a bola. Se o oponente constrói um ataque pelo lado direito do campo, o lateral-esquerdo da minha equipe sai para dar o combate, enquanto o lateral-direito vira um terceiro zagueiro e ajuda a proteger a defesa contra os outros jogadores. Da mesma maneira, se o adversário está construindo um ataque pelo lado esquerdo, o lateral-direito vai ao combate da jogada, enquanto o lateral-esquerdo transforma-se em terceiro zagueiro.

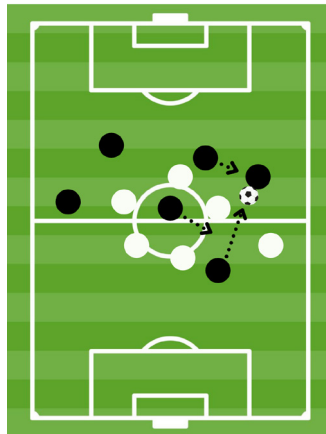
Se a equipe joga com atacantes abertos pelos lados, eles também podem realizar o balanço. A diferença é que além do reforço defensivo (recomposição) para dar o combate e dificultar a troca de passes do adversário, os pontas precisam se preparar para a construção do ataque, assim que a equipe retomar a posse de bola.



Representação tática do funcionamento de um balanço defensivo (Arte: Pedro Silva)

Jogo apoiado

Acontece quando jogadores de um time se aproximam do atleta que detém a posse de bola, a fim de ajudá-lo a construir jogadas ofensivas. A troca de passes é facilitada e a chance de sucesso na construção do ataque fica maior.



Desenho da construção de um jogo apoiado (Arte: Pedro Silva)

Jogo reativo

Confundido muitas vezes com a retranca, o jogo reativo, como o próprio nome sugere, é um estilo baseado na reação às ações dos adversários. Um time reativo se caracteriza por não propor o jogo e, conseqüentemente, ter pouca posse de bola. O objetivo é construir oportunidades de ataque baseando-se no erro do oponente que estará com a bola. Para funcionar, o jogo reativo precisa de uma defesa sólida e jogadores de velocidade para puxar o contra-ataque. No Brasil, um dos símbolos do jogo reativo foi o Corinthians comandado por Fábio Carille em 2017, ano de seu heptacampeonato brasileiro.

Com essas características, o atacante Osvaldo foi peça fundamental do Fortaleza na campanha do título do Campeonato Brasileiro da Série B em 2018 (Foto: Aurélio Alves/O Povo)



Com uma grande campanha, principalmente no primeiro turno, o Corinthians surpreendeu a todos quando conquistou o seu sétimo título brasileiro. Os pilares daquela equipe faziam parte do sistema defensivo, como o zagueiro Pablo e os volantes Gabriel e Maycon (Foto: Miguel Schincariol/AFP/Getty)

Winger

Traduzindo para o português, winger significa externo, termo que o técnico da Seleção Brasileira adora. Entretanto, vamos abordar uma parte dessa função utilizando um termo mais familiar à crônica esportiva. Dessa forma, o ponta é aquele jogador que constrói jogadas ofensivas pelo lado do campo. O atleta que joga nessa posição precisa ter como característica a velocidade e o drible, ou seja, ser desequilibrante.

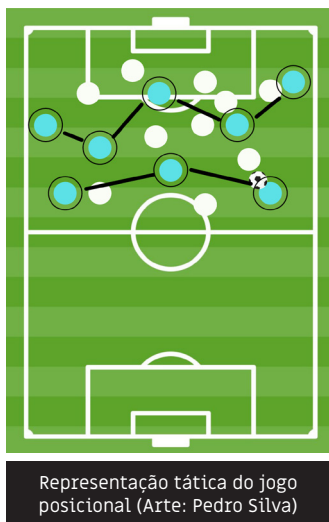
Mas então, por que não chamamos de ponta? A resposta é que o winger também pode cumprir outras funções dentro do campo. Primeiramente, a posição de ponta está sempre ligada aos atacantes, enquanto o winger pode ser realizado por meio-campistas. Além disso, outra característica moderna dessa função é o auxílio na recomposição defensiva.



Jogo posicional

Um dos assuntos mais comentados no Campeonato Brasileiro da Série A de 2020, o jogo posicional foi alvo de muitas críticas de jornalistas e torcedores. Ideia de jogo utilizada por Domènec Torrent, ex-treinador do Flamengo, o termo consiste em utilizar a posse de bola e a troca de passes curtos para criação de jogadas, com jogadores próximos uns dos outros e com posições bem definidas no momento de atacar.

Contudo, o problema dessa ideia é que a interpretação, muitas vezes, é deturpada. Algumas pessoas acreditam que a definição das posições significa que o jogador tenha que estar sempre no mesmo lugar durante toda a partida. Na verdade, a mudança de colocação dos atletas ao longo do jogo é bastante intensa. O fundamental nessa proposta é que eles saibam o que fazer na posição em que estão, no momento da construção da oportunidade de gol.

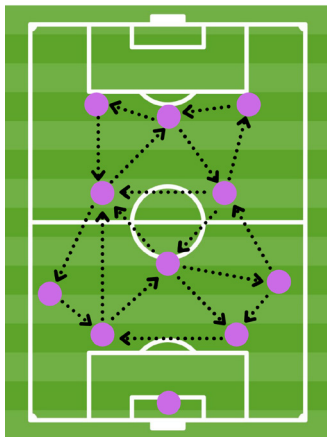


Representação tática do jogo posicional (Arte: Pedro Silva)

Triangulação

Para a manutenção de uma posse efetiva, a triangulação é uma das melhores formas de se executar passes e tabelinhas. O conceito implica em aproximar

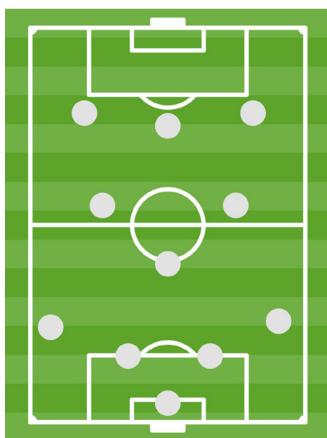
o jogador que está com a bola a dois companheiros, de maneira que eles formem pontas de um triângulo. Assim, sempre que houver troca de passes, haverá um jogador em boa posição para receber a bola e seguir com a jogada.



Modelo de triangulação (Arte: Pedro Silva)

Modelo de jogo

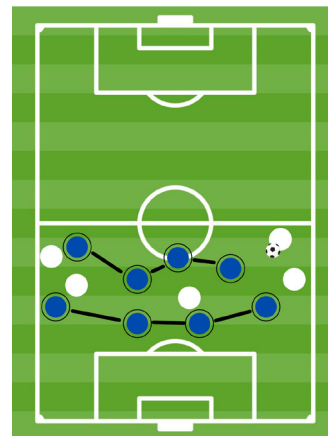
O modelo nada mais é do que colocar em prática as ideias baseadas na cultura de jogo. É a materialização do estudo, realizada através de treinamentos, partidas e formações táticas. Com o modelo de jogo, conhecemos, de fato, os conceitos de um treinador e de sua comissão técnica.



Representação da modelo de jogo (Arte: Pedro Silva)

Funil

Funil é a disposição dos jogadores para diminuir o espaço na região intermediária do campo, a fim de proteger a própria área de ataques adversários. A construção dessa situação de jogo lembra o objeto.



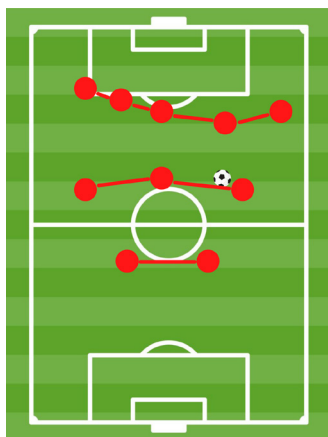
Modelo de funil (Arte: Pedro Silva)

Linha alta

A expressão linha está ligada à distribuição dos jogadores em campo, através do esquema tático, tanto na organização do ataque quanto na formação de defesa. Quando a linha é alta, isso significa que o time está pressionando o oponente no campo de ataque. Esse tipo de marcação é iniciada pelos atacantes, que se aproximam da área para obter a posse e atrapalhar a saída de bola do adversário. Os zagueiros também se adiantam e se posicionam praticamente no meio de campo. Quando a linha alta é mal executada, a possibilidade de espaços para o adversário atacar em velocidade e finalizar em gol é enorme.

Também existe a linha baixa, cuja ideia é esperar que o adversário chegue no campo de ataque para iniciar a marcação. Os zagueiros ficam mais protegidos, porém a proposta dificulta a aplicação de contra-ataques na retomada da posse.

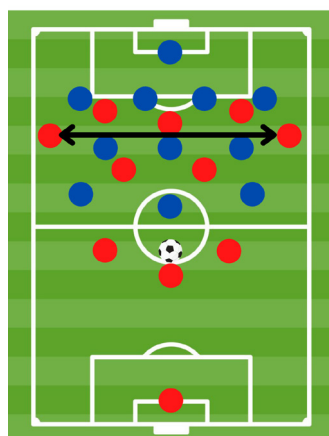




Funcionamento das linhas altas em um campo de jogo (Arte: Pedro Silva)

Amplitude

Amplitude é uma ideia de jogo que consiste basicamente em realizar o jogo pelas pontas, descongestionando o meio-campo. Quando um time utiliza a amplitude, ele tem laterais, meias e/ou atacantes completamente abertos pelos lados do campo. O objetivo é facilitar a abertura de espaços no campo de jogo, atraindo os marcadores para as extremidades. Muitos times modernos possuem esse conceito como característica.



Representação do movimento de amplitude (Arte: Pedro Silva)

Entrelinhas

O jogo de futebol nos dias de hoje é visto pela formação de linhas. Em cada equipe, existem

linhas compostas por defensores, meio-campistas e atacantes. Durante uma partida, temos algumas linhas progredindo, enquanto outras estão sendo empurradas para trás no campo de jogo. Isso vai se alternando por 90 minutos. Para chegar ao gol adversário, é necessário “quebrar” essas linhas, ou seja, tirar um jogador de posição e criar espaço para desenvolver uma jogada.

O conceito de entrelinhas está aí. Ele consiste em propor o jogo de forma que se “quebre” a formação do oponente, criando “buracos” que facilitem a chegada ao ataque e a finalização. Para funcionar, é necessário contar com atletas rápidos, com muita capacidade técnica e boa noção de posicionamento. O atacante Gabriel Barbosa, do Flamengo, é um exemplo de jogador que tem ótimo desempenho nas entrelinhas.

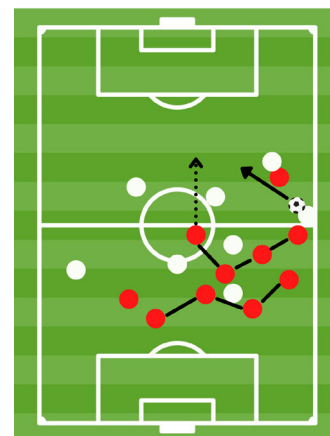


Explorando os espaços, Gabriel Barbosa, ou Gabi, consolidou seus ótimos números ofensivos em mais de dois anos no Flamengo. Pelo clube, o atleta marcou 93 gols em 127 jogos (Foto: Thiago Ribeiro/AGIF)

Flutuação

Flutuação é o deslocamento dos jogadores de uma equipe para a faixa do campo onde está acontecendo a posse de bola adversária. Esse trânsito é realizado de forma conjunta e organizada, atuando para impedir o oponente de criar oportunidades de ataque, além de propiciar

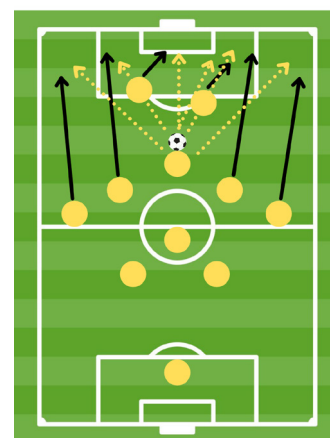
chances de retomada de posse e permitir contra-ataques com maior sucesso por encontrar jogadores bem posicionados.



Demonstração tática de uma flutuação (Arte: Pedro Silva)

Profundidade

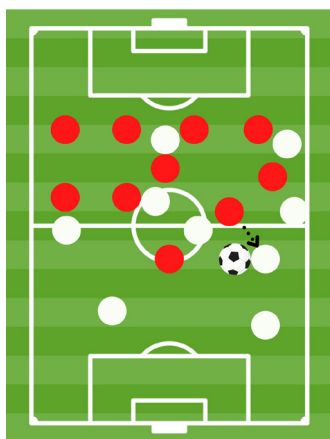
Esse conceito está ligado à distância de um gol ao outro. Um time que joga com profundidade tem o objetivo de estar mais próximo da área adversária, empurrando os oponentes para trás e adiantando os próprios jogadores. Por exemplo, uma equipe com esses atributos costuma jogar em linha alta, com zagueiros atuando praticamente no meio-campo, para auxiliar na construção do ataque.



Aplicação da estratégia de profundidade (Arte: Pedro Silva)

Bola coberta

O termo está ligado a princípios de marcação. Quando esse conceito é posto em prática, o atleta de uma das equipes fica acompanhando o adversário que está com a posse, impossibilitando-o de criar uma jogada ofensiva com profundidade, como uma enfiada de bola. Quando esse tipo de marcação falha, a defesa precisa se posicionar de outra forma para impedir que o ataque adversário avance. Esse erro recebe o nome de bola descoberta.



Organização tática da bola coberta
(Arte: Pedro Silva)

Cultura de jogo

A cultura de jogo é o conjunto de ideias a serem aplicadas no futebol. Esse termo tem dimensões mais profundas, que adentram à história de um clube, da torcida, dos atletas e até mesmo de cidades e países. Por exemplo, o “futebol total” é uma cultura de jogo criada na Holanda na década de 1970. A seleção local, liderada por Johan Cruyff, marcou época, chegando em duas finais de Copa do Mundo. Desde então, esse conceito, que tinha como principal característica a troca de passes curtos em velocidade, é a base que constrói os modelos de jogo dos clubes do país.

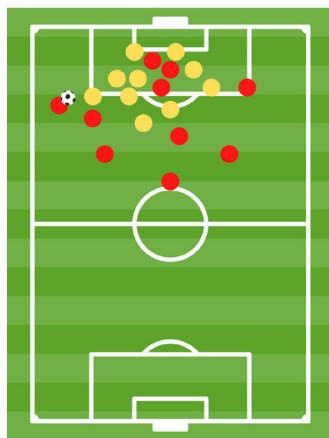


Johan Cruyff é sinônimo de revolução quando se fala em futebol (Foto: Spanish Market Only)

Terço final

Os especialistas do esporte costumam dizer que o campo de futebol é dividido em três partes, ou em três terços. O primeiro terço diz respeito à faixa do campo onde se posiciona a defesa. O segundo terço é o local onde ficam os jogadores que compõem o meio-campo. E o terceiro terço, que vamos chamar aqui de terço final, é o espaço onde se concentram os atacantes.

No futebol moderno, o jogo converge praticamente no último terço do campo. São nesses 30 metros que acontecem as jogadas de maior perigo, o início de contra-ataques, as faltas frontais e os dribles desconcertantes. Também é lá que se encontram as maiores chances de vitória em uma partida.



Demonstração tática do jogo concentrado no terço final (Arte: Pedro Silva)

Regista

Também denominado ritmista, termo que o técnico Tite costuma utilizar, o regista é aquele maestro, o jogador responsável por pensar e controlar a velocidade de jogo e de distribuir passes decisivos. A diferença para os camisas dez de antigamente é que a movimentação de um regista é maior. Ele também cumpre funções defensivas, além de estar presente em mais espaços do campo. Jádson, meia do Athletico, e com passagem marcante pelo Corinthians, é um exemplo de regista que fez bastante sucesso no futebol brasileiro.

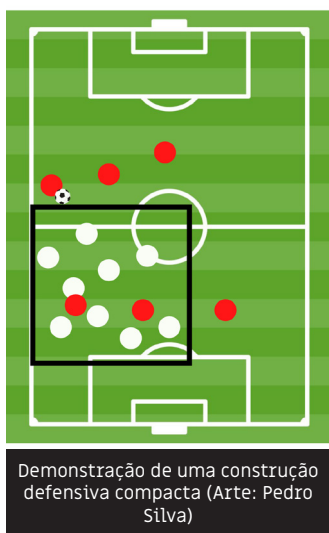


Assim como Paulinho, Jádson foi outro atleta responsável pelo sucesso do Corinthians na década passada. Na sua posição, ajudou o Corinthians a ser bicampeão brasileiro em 2015 e 2017 (Foto: Rodrigo Coca/Agência Corinthians)

Compactação

Quando se ouve falar em compactação, a associação imediata é com a formação defensiva. Todavia, o conceito também pode ser aplicado na fase ofensiva.

Como o nome sugere, um time compacto é aquele que tem jogadores próximos uns dos outros, oferecendo poucos espaços para o adversário chegar ao gol e dificultando a troca de passes. Na construção do ataque, uma equipe com boa compactação consegue trocar passes sem tanto risco, além de possuir melhor organização para aumentar as chances de finalizar com sucesso.



Infiltração

Termo ligado às entrelinhas. Muitas vezes, para quebrar a formação defensiva adversária, é necessário se infiltrar, ou seja, ocupar espaços vazios, obrigando os defensores da outra equipe a também se deslocarem. Para ser um bom infiltrador, é necessário ter bom porte físico, velocidade, além de rapidez e técnica na hora do passe. Raheem Sterling, atacante do Manchester City, possui bons atributos para essa função.



Com esses atributos, Sterling se tornou crucial não só para o Manchester City, mas também na Seleção Inglesa. Pelos Three Lions, ajudou a equipe a ser 4ª colocada na última Copa do Mundo e levou a Inglaterra à primeira final de Eurocopa da sua história (Foto: Getty Images)

Ideia de jogo

O termo foi bastante utilizado nos outros conceitos mencionados. A ideia de jogo é tudo aquilo que treinador e comissão técnica imaginam para obter sucesso no trabalho. Em outras palavras, é a teoria que antecede o modelo de jogo e compõe a cultura de jogo.

Temporização

A temporização está relacionada ao melhor momento para a tomada de decisões durante uma partida, substancialmente na fase defensiva. Quando uma equipe “temporiza”, ela se organiza de forma a atrasar o avanço do adversário. Isso pode acontecer quando os atacantes e meias cercam o oponente que está com a posse, inibindo opções de passe e fazendo-o recuar para o campo de defesa.



Acompanhe a

TÁTICA

nas redes sociais



@revistatatica



@revistatatica

Precisamos conversar sobre o calendário do futebol brasileiro

Cada vez mais apertado, o cronograma de competições, atualmente impactado pela pandemia, deixa rastros de prejuízo cada vez mais visíveis aos personagens de uma partida



A prática do futebol brasileiro pode ser comparada a uma galáxia. A complexidade do sistema solar e seus planetas, luas e estrelas lembra, de certa forma, os elementos que compõem o esporte bretão por essas terras, com suas federações, clubes e atletas. Entretanto, as comparações espaciais param por aí, pois todos os anos, asteroides potencialmente perigosos (ou os velhos problemas do futebol brasileiro) ameaçam destruir o nosso ecossistema.

Um desses corpos rochosos que orbitam o Sol e que podem ser destrutivos, ou melhor, um dos principais problemas do futebol brasileiro, é a construção do calendário de competições. Formado em torno dos campeonatos estaduais, que ocupam praticamente um semestre de duração em todo o país, o cronograma dos principais clubes brasileiros se caracteriza pela grande quantidade de jogos disputados, enquanto as equipes menores lutam para ter três meses de atividades por ano.

Esse desequilíbrio no calendário dos clubes traz um debate importante. Enquanto técnicos

lamentam, a cada temporada, o excesso de jogos de suas equipes, muitas vezes responsável por lesões de atletas e resultados ruins, parte da crônica esportiva insiste em somente criticar a qualidade dos jogos disputados, além de questionar a capacidade técnica de atletas e treinadores.

Para criar um novo cenário, é necessária uma discussão sobre a estrutura do futebol brasileiro. E um dos pontos principais é o calendário de competições. Para contribuir com essa ideia, a Revista Tática conversou com estudiosos que apresentam propostas para um cronograma melhor distribuído, que beneficie a temporada de clubes grandes e pequenos, e potencialize a qualidade das partidas e dos atletas.

OS ESTADUAIS TÊM QUE ACABAR?

No dia 5 de abril de 2015, o atacante Fred, do Fluminense,

protagonizou um momento curioso, depois de ser expulso com 30 minutos de jogo no clássico contra o Flamengo, válido pela 14ª rodada do campeonato estadual. Em entrevista após sair de campo ao repórter Guido Nunes, do SporTV, o centroavante de duas Copas do Mundo esbravejou no microfone que “o [Campeonato] Carioca tem que acabar”.

Apesar de sua ira estar ligada a outro problema do futebol nacional, a arbitragem, a frase do atacante tricolor viralizou, e sempre é utilizada de alguma maneira para criticar os campeonatos estaduais e seus formatos. Com a reorganização das competições nacionais e internacionais há alguns anos, os estaduais passaram a ser o torneio com menor importância no calendário, apesar de sua duração ir no caminho inverso.

Para alguns clubes do alto escalão do futebol, o estadual tornou-se um peso. A única motivação para jogá-lo

(Imagem: ClipArt Gallery)



A célebre frase do atacante Fred ecoa nas discussões sobre calendário até os dias de hoje. Mesmo com a resistência das federações, os campeonatos estaduais são cada vez mais criticados e desvalorizados (Foto: Reprodução/SporTV)

atualmente está ligada a questões financeiras. Com muitas equipes em dificuldade, o campeonato é uma alternativa para ajudar no caixa. Até os clássicos locais, que valorizam essas competições, perderam um pouco do brilho, já que muitos desses confrontos acontecem nos campeonatos nacionais durante a temporada.

Por outro lado, para os clubes pequenos, o estadual é a única competição da temporada. É através dele que a grande maioria consegue recursos financeiros para manter as atividades e pagar os salários de atletas e comissões técnicas. Além disso, esses torneios locais são a porta de entrada para certames nacionais, como a Copa do Brasil e o Campeonato Brasileiro da Série D.

Portanto, se para os grandes, o estadual é cada vez menos importante, e para os pequenos, ele é a chave para a sobrevivência, como adequar esse torneio de forma que beneficie a todos? Para o especialista em Treinamento de Futebol pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) Marcelo Belletti, a estrutura atual desses campeonatos deve ser convertida em competições nacionais e com formatos regionalizados.

“A saída seria extinguir esse formato atual e criar divisões inferiores do campeonato brasileiro, que seriam os estaduais sem os clubes das séries A, B e C. Seria a Série E1 regionalizada [que também abrigaria os atuais clubes da Série D]. Se o estado tivesse muitos clubes, por exemplo, o estado de São Paulo, teríamos a Série E2 com o mesmo formato da Série E1. E se quisesse fazer a Série E1 com dois grupos de 15 [clubes], que tivesse calendário duradouro durante seis meses. Na fase final, os quatro melhores, por exemplo, de cada grupo. Ou os oito melhores”, explica.

Belletti complementa com a proposta de um calendário mais cheio para as equipes menores, independente do formato dos campeonatos. “O que eu defendo é que todos tenham, pelo menos, seis meses garantidos de competição. Os melhorezinhos da Série E (primeiro, segundo e terceiro) vão para a Série D [do mesmo ano], mas os que tiveram as piores campanhas acabam sendo rebaixados para Série E2. E a mesma coisa na Série E2. Os melhores sobem para a E1. Os últimos colocados vão cair para a Série E3. Se quiser também, pode

fazer o estadual só com 16 ou 20 clubes, contanto que respeite a ideia do calendário. Grupos regionalizados que têm ida e volta dentro do grupo, dividindo o estado em leste e oeste, ou norte e sul”, encerra.

OS TORNEIOS NACIONAIS TÊM ALGO PARA MUDAR?

Desde 2006, os campeonatos brasileiros das séries A e B são disputados com a mesma fórmula. Em pontos corridos, 20 equipes jogam entre si em turno e retorno para definir o campeão. Muitos especialistas defendem que esse é o melhor formato para uma liga nacional, pois confere mais credibilidade e meritocracia às equipes que se destacam no certame.

Já o formato atual da Série C sofreu alteração em 2020. Do modelo antigo, ficou a divisão dos 20 participantes em dois grupos de dez, divididos de acordo com a região. A novidade está na segunda fase da competição, a qual é formada por dois novos grupos com os oito melhores classificados da primeira fase. Os dois melhores desses quadrangulares garantem vaga na Série B do ano seguinte e os primeiros colocados de cada grupo disputam a final em duas partidas.

Ao todo, uma equipe que disputa apenas a primeira fase da Série C joga 18 partidas. Já a equipe que chega à final, participa de 26 jogos. Para o pesquisador e escritor Luis Filipe Chateaubriand, esse formato é o mais apropriado para a terceira divisão. “É uma ideia que do ponto de vista logístico é interessante, porque se os clubes estão próximos entre si você reduz custos, custos operacionais”, afirma.

Atualmente, a última divisão do futebol nacional é a Série D. Criada pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) em 2009, o formato atual comporta 64 equipes divididas em oito grupos de oito times. Após confrontos de

turno e retorno entre os membros de cada chave, os quatro melhores avançam à fase de mata-mata. Os semifinalistas garantem acesso à Série C e os dois vencedores disputam a final.

O treinador Marcelo Belletti defende um formato com algumas características da fórmula atual, mas com uma competição em tiro curto. “Eu acredito em um formato estilo Copa do Mundo ou Copa São Paulo de Futebol Júnior, com uma fase de grupos só com jogos de ida. Estados vizinhos sediariam a competição, já que teriam acabado todas as competições das séries e estaduais, e qualquer estado tem, pelo menos, 20 ou 30 estádios. Então que tivéssemos aqueles um mês e meio, dois meses de jogos, organizando essa série D”, comenta.

E UM CALENDÁRIO NO ESTILO EUROPEU?

Com o avanço da pandemia de Covid-19 a partir de março de 2020, e a adoção de medidas sanitárias e restritivas, muitos países, entre eles o Brasil, paralisaram as competições esportivas por um período médio de três meses. Em relação ao futebol, o momento foi caracterizado pelo fechamento do centro de treinamento dos clubes, dispensa das categorias de base, atletas e comissões técnicas realizando trabalhos por home office e muitas incertezas.

Quando iniciaram as discussões sobre o retorno da modalidade no país, que ocorreu no final de junho, jornalistas e estudiosos argumentaram que havia uma oportunidade de adotar um calendário de competições baseado no modelo europeu, ou seja, com os torneios começando no segundo semestre de 2020 e encerrando no primeiro semestre de 2021.

Essa ideia não foi levada

em consideração pela CBF, responsável pela organização dos principais campeonatos do país, que insistiu em manter o cronograma respeitando o planejamento inicial, mas apertando as datas disponíveis para finalizar os torneios sem prejudicar a temporada de 2021. Contudo, desde antes e reforçado pelos impactos da pandemia, fica a dúvida de como funcionaria esse tipo de calendário no país.

Luis Filipe Chateaubriand é um entusiasta da adequação ao calendário europeu. Autor do livro "Futebol Brasileiro: Um Novo Projeto de Calendário", foi integrante do **Bom Senso Futebol Clube** em 2014 e fez parte do movimento que pedia a mudança no cronograma dos campeonatos. Para ele, “se nós temos, no calendário atual, o calendário gregoriano, com férias em dezembro, pré-temporada em janeiro e parada no meio do ano para jogos de seleção, então estamos perdendo três meses. E aí sobram nove meses para ter jogo de clube. Nós já temos uma série de campeonatos enormes. A gente vai espremer tudo em nove meses? É um caos.”, afirma.

O pesquisador complementa: “Agora, se a gente tivesse o calendário europeu, o que aconteceria? A gente teria férias em junho e a pré-temporada em julho. Então, a gente distribui os jogos da temporada ao longo de dez meses, que já é mais tranquilo do que em nove. Com isso, você está ajudando a estruturar melhor o calendário do que se você tivesse o calendário gregoriano. Essa é a grande vantagem do calendário europeu”, finaliza.

Indo no contramão, Juliano Oliveira Pizarro, mestre em Ciências Políticas com ênfase nas temáticas sobre o futebol pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), explica que essa adequação deve ser colocada em segundo plano. E que a prioridade

Bom Senso Futebol Clube foi um movimento criado por atletas e estudiosos do futebol brasileiro que reivindicavam melhorias para a estrutura do esporte no país, como a mudança no calendário e direitos para os jogadores. Com duração entre 2013 e 2016, o grupo se caracterizou pelas críticas à condução do futebol realizada pela CBF. Os protestos de atletas em campo com os braços cruzados se tornaram uma marca da organização.

de mudança no momento tem de ser a base da pirâmide do esporte no país.

“Isso [calendário europeu] afetaria mais a janela de transferências, que possui maior influência nas grandes equipes, pois uma das maiores fontes de renda é a venda e transferência de atletas para a Europa e outros continentes. Mas, por si só, não geraria uma revolução no futebol brasileiro, nem no nível de competitividade, nem na geração de oportunidade e empregos para

a imensa maioria dos profissionais do mundo da bola. O debate inicial deve se pautar de baixo para cima, pensando primeiramente no calendário das equipes menores do Brasil, onde se encontram a imensa maioria dos profissionais”, explica.

HAVERÁ MUDANÇAS?

Apesar das propostas para mudar um dos principais problemas estruturais do futebol brasileiro, dificilmente isso acontecerá em curto prazo. Mesmo com boas ideias, os interesses políticos egóicos de cartolas e federações são bastante enraizados e movimentações opostas ainda são muito discretas.

Marcelo Belletti traça um panorama sobre a realidade do calendário. Para o treinador, “os estaduais vão ter espaço. Mas eu não sei se a gente vai chegar a nível nacional de ter

várias divisões ativas. Eu gostaria de visualizar isso, mas não consigo enxergar no curto prazo. A gente pensa muito em futebol e em equipes grandes. Séries A, B e C. Mas não pode esquecer que o futebol brasileiro tem 700, 800 clubes profissionais e 80% desses ficam parados por mais de meio ano. Alguns por nove meses parados. Então, é uma coisa bastante assustadora.

Portanto, para onde vão todos os atletas? Aonde é que vão todos esses treinadores?”, questiona.

Outro ponto que seria potencializado com uma modificação na estrutura de competições é a qualidade do futebol praticado no país. O pesquisador Juliano Oliveira Pizarro defende “uma evolução

a partir da massificação de atletas e profissionais do futebol em equipes menores, com maior calendário e estabilidade para trabalhar, nem que algumas divisões em nível menor tenham que ser semiprofissionais”.

Além disso, ele argumenta que “em relação às maiores equipes, uma diminuição de datas acarretaria em mais jogos em alto rendimento, maior tempo de recuperação de atletas, maior intensidade nas partidas, o que consequentemente evolui o nível de atuação e competitividade”.

A ver se em algum momento o meio do futebol debaterá essas estruturas ou se continuará se prendendo apenas aos personagens do campo.

Longe dos campeonatos nacionais, o Icasa, atual campeão da segunda divisão do Campeonato Cearense, disputou 22 partidas na temporada 2020 (Foto: Lenilson Santos/Ferroviário AC)



Um lamento sobre o jornalismo

Em uma era de likes, gritaria e polêmicas, convém pensar se é isso o que o jornalismo merece para o futuro

Este texto é uma simples reflexão quanto a profissão que escolhi para a minha vida. A poucos dias de me tornar bacharel em jornalismo, me peguei refletindo sobre como anda a vida nesta área nos dias de hoje. Principalmente, no que diz respeito à editoria de esportes. Nesses quase seis anos de graduação, percebi que algumas coisas mudaram e, infelizmente, estou aqui para relatar mais críticas e desilusões do que elogios.

Ser jornalista no Brasil é um ato de coragem. E não apenas pelos inúmeros ataques sofridos por diversos colegas nos últimos anos. Pautar, editar, escrever e reportar, por exemplo, têm sido cada vez mais difíceis. Seja pela exploração nas empresas de comunicação. Seja pela sensação de insegurança. Seja pela censura cada vez mais vigente. Mesmo assim, precisamos produzir e mais do que tudo, precisamos ajudar a construir uma sociedade melhor e bem informada.

Voltando aos esportes, reflito sobre o quanto essa editoria se transformou nos últimos tempos. E, infelizmente, de uma forma negativa. O debate raso, as pautas caça-cliques, as polêmicas baratas, a gritaria na TV e o engajamento a qualquer custo são alguns fatores que me assustam quando penso que pretendo seguir por esse caminho. É isso mesmo que eu tenho que fazer para prosperar na

profissão?

Em tempos de crise econômica, os meios de comunicação também buscam saídas para ganhar dinheiro. E para isso, eles precisam se adaptar aos interesses dos seus clientes, ou seja, o público. E o que as pessoas gostam de consumir hoje em dia? Aí está a chave para entender a transformação do jornalismo como um todo e, no nosso caso, a mudança na produção esportiva.

O público é diverso e os formatos de conteúdo esportivo seguem essa linha. Para quem gosta de debates, de análises. Para quem gosta só de ver os jogos, de mesclar jornalismo com entretenimento. Enfim, em todos esses estilos há pontos positivos. E aqui até cabe uma confissão: Pouco tempo atrás, eu era contra a mistura do jornalismo com o entretenimento. Por quê? Achava que ele era um dos principais responsáveis pela queda de nível observada no debate dos assuntos mais importantes desta área.

Percebi o meu erro quando parei para ouvir um comunicador extremamente controverso, mas que ao mesmo tempo é essencial para a construção de um discurso que abrange o melhor que o esporte oferece. Neto, ex-atleta, comentarista e apresentador do programa “Os Donos da Bola”, da TV Bandeirantes, é conhecido pelas frases polêmicas e opiniões enérgicas. Contudo, de uns tempos para cá, ele passou a mesclar seu estilo intenso com pautas

importantes não só para o esporte, mas para a sociedade como um todo.

Aproveitando o fato de seu programa ser um sucesso de audiência na TV aberta, principalmente em São Paulo, Neto passou, por exemplo, a falar sobre vacinação (tão questionada nestes tempos sombrios), a se posicionar em denúncias sobre a violência contra a mulher e a falar sobre a corrupção e os escândalos que envolvem dirigentes da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) tão abordada no momento em que escrevo esta crônica.

E assim fui percebendo que o problema não é o formato de um programa de TV. Não é ter 500 debates na grade de canais por assinatura. Não é colocar elementos humorísticos durante uma análise. A questão é a forma como se comunica. Como se atinge o público. Como se faz para que as pessoas tenham interesse em determinado conteúdo. Para muitos isso pode até parecer óbvio, mas é incrível o quanto as pessoas consomem assuntos, muitas vezes, irrelevantes e alimentam a “indústria da polêmica”.

Como mencionei anteriormente, as empresas de comunicação buscam novas formas de ganhar dinheiro e, hoje em dia, o mapa da mina encontra-se no engajamento e na relevância. Típicas das redes sociais, essas produções visam criar conteúdos que chamem a



Em formato de mesa redonda, o programa Fox Sports Rádio foi ao ar de 2012 até o final de 2020. A atração, líder de audiência entre os canais de esportes, era caracterizada pelos comentários ácidos e discussões acaloradas, muitas vezes fora do tom (Foto: Reprodução/Fox Sports Brasil)

atenção das pessoas, independente de como se faça isso. Você pode, por exemplo, “viralizar” com uma dança ou com alguma situação engraçada. Ou você pode utilizar esse mecanismo para falar mal de alguém específico, para “cancelar” e até mesmo ridicularizar. E é aí que mora o problema.

Alguns veículos de comunicação, assim como seus respectivos jornalistas e programas esportivos, se utilizam dessa estratégia para produzir materiais prejudiciais ao debate, mas que ao mesmo tempo dão relevância pela quantidade de pessoas que consomem. Esse tipo de produção pode ser bem sutil, como em uma publicação que vi há alguns dias no perfil da ESPN Brasil no Twitter.

A página publicou uma imagem a respeito da eliminação do Real Madrid na semifinal da Liga dos Campeões, tendo como foco o atleta Vinícius Jr, indicando-o como o principal responsável pela derrota do time espanhol. O tweet “viralizou” e teve bastante audiência, pois na rede social

existe uma grande perseguição ao atleta por conta de sua trajetória inicial no Flamengo.

E como não citar também as chamadas tendenciosas e os cliques de matérias com pouca relevância esportiva? E até mesmo as publicações que escondem informações importantes em seu título para obrigar o leitor a acessá-las? Tudo isso faz parte de uma espécie de ecossistema, que insiste em prejudicar a boa comunicação e empobrece a criação de conteúdos com mais profundidade e qualidade. Afinal, se o objetivo é o clique, pouco importa o trabalho jornalístico empregado em sua produção.

As formas de engajamento também podem ser bastante explícitas, até mesmo ofendendo e desqualificando instituições, dirigentes, treinadores e atletas. Enquanto escrevo este texto, um jornalista proferiu barbaridades a respeito da qualidade de clubes e jogadores que disputam a Copa do Nordeste. Em um momento em que clubes como Bahia, Ceará

e Fortaleza se reestruturaram e crescem no cenário nacional com investimentos e participações em competições continentais, temos que lidar com comentários de caráter xenofóbico e que, pelo seu absurdo, ganham relevância e tornam o seu declarante conhecido.

Enquanto as reputações vão sendo atacadas, os precursores do problema vão ganhando espaço e o principal, dinheiro. Quanto mais se chama atenção, mais se atrai aqueles que desejam explorar a imagem com um anúncio, uma propaganda. Assim vai se formando um ciclo vicioso em que o mais importante é faturar, sem se importar com a qualidade do debate e da informação, mesmo que isso atinja quem não tem nada a ver com o problema.

E em todo esse balaio, todos nós somos responsáveis. As empresas de comunicação que se utilizam da polêmica barata. O jornalista, comunicador, comentarista e social media que alimentam a polêmica. E o público, que consome e dá relevância para todo esse conjunto. Entendendo todos esses aspectos, eu só consigo lamentar, pois é um caminho que não tem perspectiva de mudança em um futuro próximo.

Entretanto, enquanto um quase jornalista, quero pensar que esse megazord da polêmica pode ser desfeito. Para isso é preciso repensar toda a prática de construção da informação. É preciso focar mais do que 100% na qualidade, independente do formato utilizado. Obviamente o dinheiro é importante para manter os meios de comunicação vivos, mas dá para faturar produzindo conteúdos realmente relevantes, que alavanquem o senso crítico dos leitores e que nos ajudem a evoluir socialmente. Hoje o meu compromisso é com a mudança, mas ressalto também que tudo pode ser apenas utopia.



TÁTICA